

Corpo negro e pornografia

A fantasia do negro pauzudo

*Black body and pornography:
the fantasy of black pauzudo*

Paulo Esber Barros

*Psicólogo clínico do Centro de Atenção
à Saúde Mental (CESAME) / Belo Horizonte - MG
Pesquisa perversão, pornografia, masculinidade
e excitação sexual pelo viés psicanalítico
pauloesber@hotmail.com*

Robenilson Moura Barreto

*Psicólogo, Especialista em educação especial
e inclusiva, Mestre em Psicologia
Pesquisador do Laboratório de Psicanálise Psicopatologia
Fundamental da UFPA (LPPF-UFPA)
Psicólogo do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)
do município de Ulianópolis - PA
robenilsonbarreto@hotmail.com*

04

Resumo

Se a pornografia serve para observar a imaginação erótica, então o que podemos colher sobre questões raciais na indústria pornô? Através de uma análise da cinematografia *hardcore* (o tipo mais explícito e comercial) e de relatos de sujeitos pesquisados, percebemos repetidamente presente a associação da fantasia do pênis grande ao corpo negro, uma pecha que o objetifica e o faz lidar com um inquietante imperativo: “seja meu ator pornô”. Veremos que essa representação do corpo negro o reduz a um produto despersonalizado, uma espécie de mercadoria cujo luxo é definido pelo tamanho de seu pênis. Pretendemos problematizar a masculinidade negra a partir de uma das manifestações midiáticas mais obscenas da imaginação erótica (o pornô), trazendo o conceito de excitação sexual para a discussão de questões raciais que lhe são inalienáveis.

Palavras-chave: Pornografia, Psicanálise e Preconceito racial.

Abstract

If pornography is to observe erotic imagination, then what can we gather about racial issues in the porn industry? Through an analysis of hardcore cinematography (the most explicit and commercial type) and reports of researched subjects, we repeatedly perceive the association of the fantasy of the big penis with the black body, a pecha that objectifies it and causes it to deal with a disturbing imperative: “Be my porn actor”. We will see that this representation of the black body reduces it to a depersonalized product, a kind of commodity whose luxury is defined by the size of its penis. We intend to problematize black masculinity from one of the most obscene mediatic manifestations of the erotic imagination (porn), bringing the concept of sexual excitement to the discussion of racial issues that are inalienable.

Keywords: Pornography, Psychoanalysis and Racial Prejudice.

I.

“Na pornografia, todos os mitos raciais se tornam apenas mais um “turn-on”. Assim, asiáticas são retratadas como bonecas maleáveis; latinas são sexualmente vorazes, porém submissas; as negras são como animais sexuais perigosos e desprezíveis” (LEIDHOLDT, 1981).

O desenvolvimento do sujeito negro na sociedade brasileira é marcado por uma experiência sistemática de discriminação, preconceito e ofensa à cor da sua pele que gera um processo identificatório, nos quais esse sujeito tem dificuldade em si reconhecer. Dessa forma, o negro não se reconhece como tal e nem se identifica com seus elementos culturais, ou seja, não afirma sua estética corporal e não se vê em elementos identificatórios na sociedade (mídia televisiva, propagandas, dentre outros). Segundo Barreto (2017), nos filmes pornográficos, esse reconhecimento, inevitavelmente passa pela exposição e hipersexualização do corpo negro (mulher/homem) como uma marca do preconceito racial no imaginário social, a exemplo de filmes pornôs onde o homem negro é valorizado a partir do tamanho de seu órgão sexual, bem como a mulher negra “fogosa” e “boa de cama” em propagandas televisivas e programas televisivos.

A indústria pornográfica ocupa um lugar especial e estratégico atualmente na sociedade, movimentando mais dinheiro que as indústrias fonográficas e de esportes. É impossível ter internet e não ter tido contato com algum filme ou qualquer outro produto pornográfico. A palavra “pornografia” provém dos vocábulos gregos “ *pornos*” (prostituta) e “*graphô*” (escrever, gravar). O primeiro destes vocábulos é da mesma família de outros, como “*porneuô*” (ser prostituta, viver da prostituição) e “*pernêmi*” (vender, exportar), pôr adiante, expor aos olhos. Este último deve-se ao facto de, inicialmente, as prostitutas serem escravas. A partir desta etimologia facilmente se percebe o significado do termo “pornografia” (como nos é apresentado tanto no Dicionário da Língua Portuguesa, de Moraes, como no de José Pedro Machado): tratado acer-

ca da prostituição, coleção de gravuras ou pinturas obscenas, carácter obsceno de uma publicação. Só a partir daqui é que adquiriu o sentido de devassidão, dentro de uma construção moral sexual. Para entender a natureza do discurso pornográfico, essa idéia de se “expor aos olhos”. Para Stoller (1998) é justamente esse carácter de explicitar a prostituição que permite que a psicanálise investigue a imaginação erótica através das fantasias comungadas nos enredos pornográficos.

A relação conceitual da pornografia com a história da objetificação dos corpos negros no Brasil parece ter uma semelhança ou algumas aproximações. A transgressão de tabus da sexualidade e do corpo, a irremediável marginalidade em termos culturais, são alguns dos atributos hegemonicamente associados à pornografia, são também os mesmos atributos que fazem dela um rótulo para tudo o que é situado no extremo oposto daquilo que é moralmente aceitável. A pornografia é o veículo do obsceno, o referente máximo da “cultura do lixo”, “comercial” e “ofensiva”, por oposição à cultura “erudita”, do “bom gosto” e da “normalidade”. Por outro lado, a forma com que a sexualidade era concebida no continente africano tomou outros contextos no mundo ocidental, de corpos livres que precisavam ser domesticados e disciplinados. É nesse contexto histórico de concepção e diferenças mundos que “a cor do pecado” estabelece uma marca do corpo negro. Um corpo para ser usado e explorado como objeto. Schwarcz (1996) em seu artigo “*Ser peça, ser coisa: definições e especificidades da escravidão no Brasil*” entre fatos e documentos relata a forma com que esse corpo negro era colocado na sociedade brasileira.

Um dos documentos/anúncios da época, em jornais de grande circulação orienta os proprietários na compra de novas peças alertando-os para o perigo de calotes, isto é, para condições da pele: cicatrizes, odores demasiado fortes, partes genitais convenientemente desenvolvidas, carnes rijas e compactas etc.; portanto, uma mercadoria em perfeitas condições de uso. É desse lugar que o corpo negro traz marcas ambíguas na construção de processos identificatórios. Essa concepção pode estar intrinsecamente fincada na fantasia de que o negro tem um pau grande,

e conseqüentemente bom de cama. As indústrias pornográficas exploram esse imaginário quando apresentam filmes específicos com negros.

Portanto, a concepção de pornografia e corpo negro se relaciona com o que é feio, sujo, negado, escondido e invisibilizado pela sociedade. Os discursos da moral sexual civilizada deixam para trás um vácuo de curiosidade sobre aspectos que são indizíveis sobre o sexo dentro deste discurso. A pornografia se apropria destes aspectos. É evidente que o pornô oferece uma ficção sobre como o sexo é praticado, e esse parece ser o principal foco de preocupação da opinião pública, que o pornô esteja educando sexualmente as pessoas de forma perigosa, fazendo-as tomar para si a ficção erótica pornográfica como modelo de sexo real. O que esquecemos, quando entramos nessa linha de raciocínio, é que a opinião pública oferece uma ficção erótica própria, a de que o sexo tem que ser feito com amor, de forma segura e dentro de critérios de monogamia, por exemplo, que é, na verdade, também meramente uma ficção sobre como devem se comportar os corpos, uma forma ideológica de disciplina. Parece que, se estabelece aqui, a premissa da escolha de sujeitos no campo afetivo e sexual nas relações de raça/cor como modelo padrão e ideal.

No discurso carregado de seu imaginário social, onde a linguagem toma o corpo do seu lugar, imediatamente as identificações relativas à sua origem são reveladas; “Todo negro é bom de cama”, “Todo negro tem um pau grande” Eis que o (pre) conceito se manifesta no campo do corpo negro e da sexualidade. Por meio dessas afirmativas todo homem negro estaria fadado à prova concreta dessa fantasia imaginária no contexto erotizado da sexualidade e do corpo como objeto. Esse texto traz como reflexão, além da perspectiva da cor, sexualidade, fantasia e pornografia apresentam questões sobre a masculinidade no contemporâneo, do homem viril, forte e sempre pronto para dar prazer e que não pode se deslocar a essa lógica. A construção do imaginário social, coisificado como objeto e de mercadoria onde se comprava, alugava e vendia para o uso (de todas as formas) pelos seus senhores e senhoras de engenho se configura as produções das fantasias de corpos negros.

II.

“A pornografia é um devaneio publicado. A perversão é um devaneio executado. A pornografia é uma forme frustée de uma perversão. Quando alguém está à procura de excitação, a pornografia tem a vantagem de ser um devaneio confiável.” (STOLLER, 1998).

Por causa da ubiqüidade da rede mundial de computadores, de repente, de uma geração para a outra, o grande e fácil acesso às obras pornográficas tornou-se frequentemente comum. Há todo tipo de coisa para todo tipo de gosto, mídias e narrativas tão diferentes quanto à fantasia permita que sejam, mas apesar das diferenças, chamamos igualmente de pornográficas coisas muito distantes: de autores como Sade e Bataille aos filmes *hardcore* presentes em sites como *pornhub* (um tipo de pornografia contemporânea marcada por sua explicitude. O termo foi cunhado na segunda metade do séc. XX para distinguir este tipo de pornografia do *softcore*, que apresenta restrições ao que pode ser mostrado. Exemplos de *hardcore*: Garganta Profunda, *Brazzers*, *Brasileirinhas*, exemplos de *softcore*: os “cine-privês” da TV aberta, onde o sexo é mostrado sem *takes* diretos da penetração, por exemplo). Nesse caso, podemos pensar na relação que é às vezes contraposta à pornografia: o erotismo. Há uma noção elitizada e erudita do erotismo que permite que se considere pornográfico apenas as produções mais toscas e sem validação acadêmica, ainda que, se equiparem em nível de explicitude e ofensividade. Contudo, a legitimidade desses dois conceitos se sustenta por meio de uma rejeição mútua: o erótico que demonstra sua superioridade por conta da capacidade de ser artístico e não pornográfico; enquanto o pornográfico se situa como um discurso que pretende justamente perverter as instituições da moral civilizada, que *prefere* não ser artístico. O surrealista André Breton dizia que a pornografia é o erotismo dos outros.

A transgressão de tabus da sexualidade e do corpo, a irremediável marginalidade em termos culturais, são alguns dos atributos hegemomo-

nicamente associados à pornografia, são também os mesmos atributos que fazem dela um rótulo para tudo o que é situado no extremo oposto daquilo que é moralmente aceitável. A pornografia é o veículo do obsceno, o referente máximo da “cultura do lixo”, “comercial” e “ofensiva”, por oposição à cultura “erudita”, do “bom gosto” e da “normalidade”. Dito de outro modo, o termo “pornográfico/a” tem vindo a ser extrapolado como um lugar comum de todos os discursos sobre a perversão nas sociedades contemporâneas. Como explicar essa relação da pornografia com o proibido? Para Ceccarelli (2004):

A TV aproveita-se dessa “liberdade” para ditar padrões sexuais que, às vezes, só são possíveis por transformarem o erotismo em pornografia: a pornografia é o erotismo esvaziado de afeto. Não existindo afeto, a intimidade é evitada e o sujeito toma como correto o que a mídia veicula em termos de sexualidade. Nessa perspectiva, a pornografia é uma defesa para evitar o contato com conteúdo psíquicos proibidos geradores, ao mesmo tempo, de culpa e prazer. (p. 64)

O discurso da moral sexual civilizada deixa para trás um vácuo de curiosidade sobre os aspectos que são indizíveis sobre o sexo dentro deste discurso; é quando a pornografia se apropria. Evidentemente que o pornô oferece uma ficção sobre como o sexo é praticado, e esse parece ser o principal foco de preocupação da opinião pública, que o pornô esteja educando sexualmente as pessoas de forma perigosa, fazendo-as tomar para si a ficção erótica pornográfica como modelo de sexo real. O que esquecemos, quando entramos nessa linha de raciocínio, é que a opinião pública oferece uma ficção erótica própria, a de que o sexo tem que ser feito com amor, de forma segura e dentro de critérios de monogamia, por exemplo, que é, na verdade, também meramente uma ficção sobre como devem se comportar os corpos, uma forma ideológica de disciplina.

Não por acaso, a posição de ficção erótica pornográfica precisa necessariamente uma da outra para se posicionar como oposto. Por isso

é tão difícil definir a pornografia, porque é tão difícil quanto definir qual é a norma moral da sociedade em termos satisfatórios. Acontece que não se combate a sexualidade, apenas é possível administrá-la, como defende Foucault (1993), e a permissividade da pornografia é então vigilância sexual, pois para administrar o sexo, é preciso saber o que está sendo feito dele. Isso libera um espaço específico para a pornografia ocupar, um lugar de discurso sobre a sexualidade.

De acordo com Feona Attwood (2002), ao realizar uma avaliação do campo de estudos sobre erotismo e pornografia pode ser percebida uma mudança de paradigma em sua teorização. Ela localiza em duas obras a posição de referências centrais para essa mudança: *The Secret Museum* (Kendrick, 1995) - que pensa historicamente a pornografia como categoria - e *Hardcore* (Williams, 1999) - em que há uma análise dos textos pornográficos enquanto textos. A inflexão principal que permite pensar na modificação de paradigmas é que a pornografia deixa de ser pensada a partir apenas de posições radicais ou em termos dos males ou consequências que causa aos que a consomem e passa a ser estudada a partir de um viés contextual” (PARREIRAS, 2012).

Um discurso é uma forma de descrever algo ao mesmo tempo em que se constrói o que esse algo é. Linda Williams (1989) examina a pornografia *hardcore* contemporânea e revela que esse gênero de filme nada mais é do que uma forma de falar sobre e construir verdades especulativas sobre o sexo, a partir do conhecimento proveniente da imagem em movimento:

A pornografia é uma teoria: O *hardcore* cinematográfico pode ser lido como uma especulação teórica e analítica sobre os prazeres miticamente concretos que se propõe a mostrar tão diretamente e naturalmente. De fato, é precisamente em filme e vídeo que esse aspecto visual de olhar e especular sobre o prazer no sexo encontra seus limites. A especulação visual pornográfica demonstra e fala sobre o prazer sexual de forma muito mais

convicente do que qualquer atestado teórico sobre a natureza do poder e do prazer. (WILLIAMS, 1989, p. 275).

Como tal, a pornografia *hardcore* se propõe a ser sobre o sexo, ela clama o sexo para si como responsabilidade ficcional por excelência, e, as construções sociais das relações entre ‘os sexos’, são os elementos usados para constituir esta ficção, preocupando-se em mostrar “a verdade” do prazer sexual:

Nesses filmes nós vemos não a representação de atos sexuais como tal, mas, como o ‘Relatório Meese’ e outros colocaram, ‘sexo em si’, em cores vivas e sons ofegantes (...) é uma figura retórica que permite ao gênero falar de maneira específica sobre sexo. (WILLIAMS, 1989, p. 94 e 95).

A pornografia se configura como uma das muitas formas de se falar sobre sexo. Faz parte de um conjunto de discursos sexuais que Foucault (1993) categoriza como sendo derivada da compulsão moderna de falar incessantemente sobre sexo. O primeiro livro da História da Sexualidade (1993) argumenta que o desejo não existe apenas voltado em direção ao sexo, mas também - e principalmente - para o *conhecimento do prazer*, o gozo que se sente ao se observar o gozo alheio, o prazer de conhecer, a curiosidade. Essa enorme curiosidade sexual é central para o entendimento de como a pornografia tomou as proporções atuais. Isto já havia sido descrito muito antes por Freud (1905) como pulsão escópica, o prazer de ver, em que a criança desenvolve uma atividade investigatória a partir de situações práticas da vida, passando então a elaborar uma série de teorias sexuais para explicar, por exemplo, como os bebês são feitos. O desejo (tanto por sexo quanto por conhecer o sexo) é imanente às relações de poder, se originando nas próprias relações, assim sendo importante entender como a produção pornográfica reflete o desejo e o fantasiar de seus consumidores.

III.

“Somos reféns da nossa aparição, aprisionados ao nosso corpo melaninado que sempre chega antes de nós, e junto dele, uma torrente de estereótipos. Na verdade, somos em grande medida invisíveis, vivendo em uma linha tênue entre o que somos e o que as pessoas pensam que somos, numa espécie de “encarceramento simbólico”. Existimos entre diagnósticos essencializantes e prescrições de como devemos ser.” (FANON, 2008)

O sexismo na pornografia é bem documentado nas análises de conteúdo existentes na literatura, mas o racismo é bem menos. A indústria pornô é feita pensando no homem branco como público, portanto representam a fantasia do branco sobre a sexualidade negra. Não é o fato de haverem negros nos filmes feitos de brancos para brancos que é racista, é o fato de que esses filmes exploram a história da mercantilização e objetificação do corpo negro.

A história do racismo em representações eróticas é muito mais longa, no entanto, do que a história da escravidão. Segundo Hoch (1979), seria possível perceber na mitologia e literatura ocidental os temas do “Negro Bestial”, “Herói Branco” e “Deusa Branca” percorrendo a história desde a Grécia antiga. Segundo ele, há uma ameaça à Deusa Branca por um sempre ereto Negro Bestial que seria eventualmente vencido pelo Herói Branco.

Ainda que a história do arquétipo do negro sexualizado e bestial possa ser mais antiga do que a história da escravidão no nosso continente, o que realmente nos interessa é o uso que a ideologia faz desses arquétipos para manter a continuidade de um dado sistema. Angela Davis (1981) defende que houve uma construção histórica do “mito do negro estuprador” que serviu como elemento cultural importante para a continuação da dinâmica de subordinação dos homens negros na sociedade pós-escravista. Era de interesse ideológico, portanto, que a imagem do homem negro fosse associada à de uma ameaça sexual à pureza e virgindade de mulheres brancas. A imagem sexualizada e

animalizada do homem negro serviu como forma de controle dentro de um sistema de estratificação de raças e classes que foi desestabilizado pela emancipação dos escravos. Hoch (1979) analisa a questão com a ideia de que os homens brancos estariam projetando a imagem do supersexualizado negro bestial nos homens negros como forma de sublimar seus próprios desejos reprimidos. Hooks (1990) vê o racismo e o sexismo como sistemas interligados que mantêm um ao outro, e defende que a raça exagera os papéis sexuais na pornografia. Os homens, então, seriam representados geralmente como máquinas de sexo, mas os negros teriam esse papel particularmente mais acentuado.

Para o sistema estratificante, há duas razões para se usar essa associação ideológica do homem negro ao estuprador: a de subjugar economicamente uma classe emergente, e a de criar um medo nos brancos que sustenta sua fantasia. E por que um medo haveria de ser prazeroso? Bataille deriva de Freud uma noção importante que relaciona medo e desejo: “O interdito observado fora do medo não tem mais a contrapartida de desejo que é o seu sentido profundo” (Bataille, 1987).

A manutenção de uma identidade sexual ameaçada é um dos pilares da teoria de Stoller sobre a perversão. A montagem da cena perversa leva em consideração, para além da negação da castração, também a manutenção de uma ameaça que proporcione a sensação de risco ao ritual, para combater uma falta de excitação natural à estereotipia característica da cena. Um ponto muito importante na teoria de Stoller é que toda pornografia seria uma “pequena perversão”:

Há poucas pessoas que não reconhecem seus roteiros favoritos quando o encontram. Se minhas definições o confundem porque implicam que todo mundo é eroticamente aberrante e a maioria das pessoas, a maior parte do tempo é pelo menos um pouco perversa, que assim seja. Considero, portanto, toda pornografia pequenas perversões, bem como provavelmente todos os devaneios (Stoller, 1998, p. 21).

Uma análise de conteúdo de 476 personagens de filmes pornô realizada por Cowan e Campbell (1994) confirma que os enredos pornográficos refletem o estereótipo racial de que o homem negro teria o pênis maior e seria mais talentoso eroticamente, além de mais agressivo e menos humanizado. Nas medidas de intimidade da análise, os homens negros obtiveram o menor resultado, significando que a eles é dado menos falas, menos envolvimento, menos cenas afetivas, comportamento mais estereotipado, falas e papéis mais agressivos e pejorativos (é importante notar, no entanto, que os atores negros não foram considerados mais agressivos que os brancos). Basicamente o imaginário branco sobre o papel do negro no erotismo, demonstrando a reduzida humanidade do homem negro na pornografia: eles não são mostrados como pessoas, mas como máquinas de sexo, mais ainda que os outros personagens masculinos.

Por menor que seja a intimidade, em geral, na pornografia, os homens negros são mostrados como relativamente desprovidos desse elemento humanizante, algo evidentemente intencional, feito para agradar as “pequenas perversões” da audiência, o que corrobora com a ideia de Ceccarelli (2004) de que “a pornografia é o erotismo esvaziado de afeto”. Eles não são violados da mesma maneira que as mulheres, mas são desumanizados do mesmo jeito. Possivelmente o homem negro é mostrado como um não humano porque, de acordo com Hoch (1979), ele é retratado como a materialização do bestial e do exagero na sexualidade do homem branco, ou melhor, na fantasia de hiperssexualidade que o branco queria poder ter, que é recusada pela moral sexual, recalçada e então projetada de forma hostil na imagem do homem negro.

IV.

Um ambiente de boicote, hostilidade e medo, o mal-estar na masculinidade negra contemporânea tem um forte vínculo na formação desse sujeito. Podemos considerar a masculinidade um processo de socialização que homens buscam se legitimar perante seus pares, na busca pelas prerrogativas patriarcais na sociedade ocidental. Esse processo não só é relacional (envolvendo homens e mulheres), mas varia de acordo com o contexto social e dos marcadores sociais (raça, classe, etnia, região, sexualidade, etc.) que compõem o indivíduo. Nesse contexto, a masculinidade negra se configura como uma masculinidade subordinada, enfrentando questões complexas para se estabelecer. Sendo assim, dois aspectos centrais da formação dos homens em nossa sociedade – gostemos ou não – merecem destaque: o provimento e a virilidade.

O corpo para a psicanálise aparece a partir no momento em que Freud, ao trabalhar com quadros de histeria contrapõe o corpo biológico ao corpo significado e marcado pelo desejo inconsciente, pelo sexual e pela linguagem. O corpo negro carrega indubitavelmente marcas e cicatrizes profundas de representações sociais estigmatizadas e preenchidas de fantasias. Esse corpo de sentidos e significados construídos na sociedade brasileira evoca um lugar dúbio. Se por um lado o negro é sucessor de uma memória recente na história que produz e reproduz o preconceito racial através de um corpo que era dado como; coisa, objeto, mercadoria, peça..., por outro lado, vive numa sociedade onde a representação desse objeto (negro) é permeada de fantasias e desejos em torno da sua sexualidade no contexto midiático e pornográfico.

Nesse contexto, como se deve conceber a sexualidade do negro na psicanálise frente à fantasia do imaginário social de um corpo que exigem um remanejamento do simbólico e uma leitura da subjetividade? Evidentemente não se trata aqui, de questões apenas cinematográficas da pornografia, mas, sobretudo, de uma construção discursiva da fantasia mediada pelo preconceito racial no imaginário social. O importante,

a nosso ver, é a demarcação que se atribui aos corpos como objetos empíricos, que lugar é reservado pela cultura para ocuparem espaços no jogo erótico do prazer.

Referências

- BARRETO, R. M. *Contribuições psicanalíticas para a compreensão do preconceito racial: Um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Pará. 2017.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- CECCARELLI, P. R. *Sexualidade e consumo na TV*. In *Psicologia Clínica*, Vol. 12, 2, p. 59-68, 2004.
- CECCARELLI, P. R. *A pornografia no ocidente*. In: *Revista (In)visível. Portugal*, 2011.
- COWAN, G, CAMPBELL, R. *Racism and sexism in interracial pornography, a content analysis*. San Bernardino: Cambridge University Press, 1994.
- DAVIS, Angela. *Women, race and sex*. New York: Random House, 1981.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* [1905]. In: _____. *Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira*. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HOCH, Paul. *White Hero, Black Beast: Racism, Sexism, and the Mask of Masculinity*. Oxford, UK: Oxford University Press, 2004.
- HOOKS, B. *Reflections on race and sex*. In *Yearning: Race, gender, and cultural politics*. Boston: South End Press, 1990.
- LEIDHOLDT, Dorchen. *Where Pornography Meets Fascism*. Women's International Newsletter, 1981.
- SCHWARCZ, L. M. *Ser peça, ser coisa: definições e especificidades da escravidão no Brasil*, in L.M. Schwarcz e L.V.S. Reis (orgs.). *Negras imagens*. São Paulo: Edusp, 1996, 14.

STOLLER, R. *Excitação sexual: dinâmica da vida erótica*. São Paulo: Ibrasa, 1981.

STOLLER, R. *Observando a imaginação erótica*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

STOLLER, R. *Porn: myths for the twentieth century*. New Haven: Yale University press, 1991.

WILLIAMS, Linda. *Hard Core: Power, Pleasure, and the "Frenzy of the Visible"*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1989.